



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/book/143>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2021 by BCCL/UNICAMP. All rights reserved.

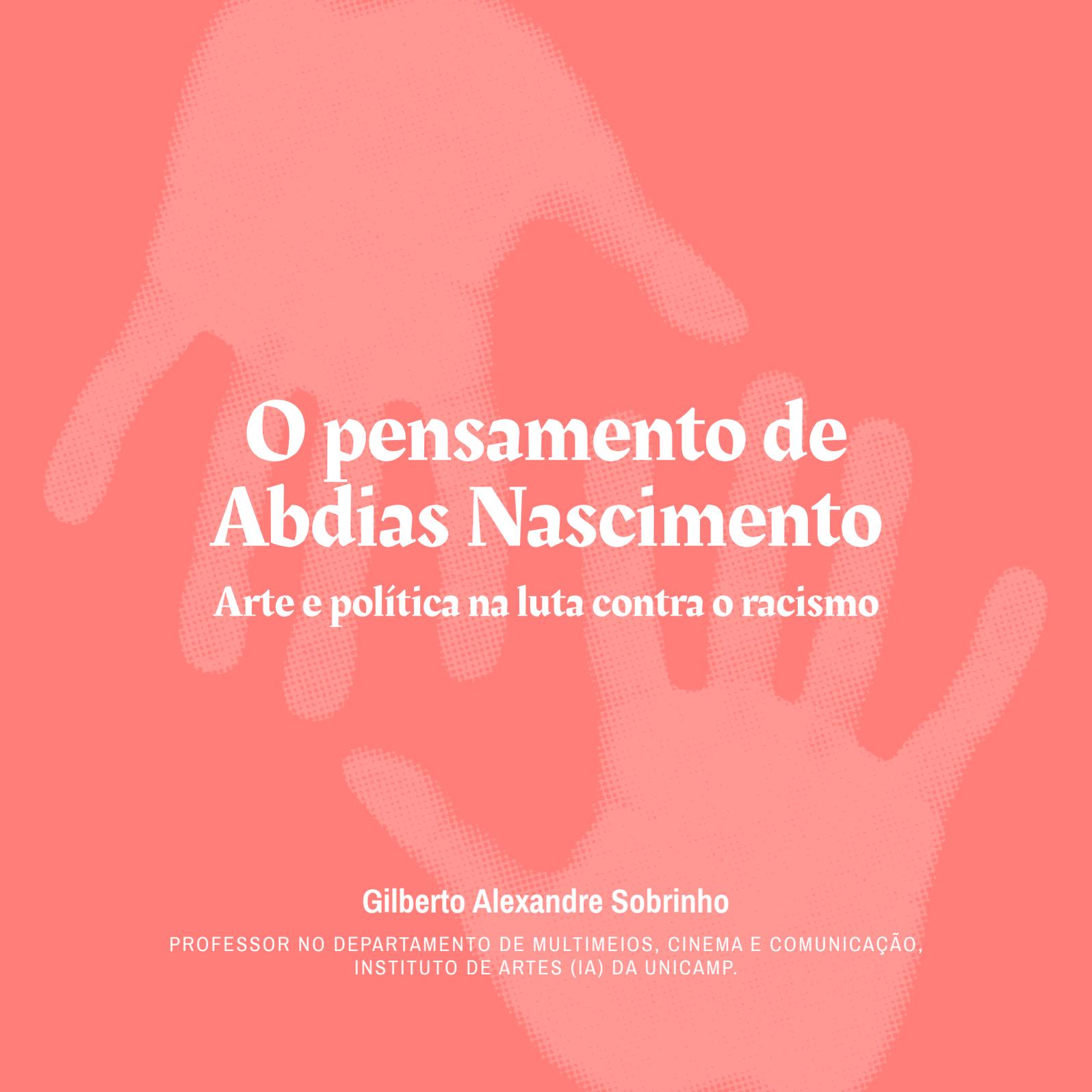
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



O pensamento de Abdias Nascimento

Arte e política na luta contra o racismo

Gilberto Alexandre Sobrinho

PROFESSOR NO DEPARTAMENTO DE MULTIMEIOS, CINEMA E COMUNICAÇÃO,
INSTITUTO DE ARTES (IA) DA UNICAMP.

“Artigo 2º § 3. O preconceito racial historicamente vinculado às desigualdades de poder, que tende a se fortalecer por causa das diferenças econômicas e sociais entre os indivíduos e os grupos humanos e a justificar, ainda hoje, essas desigualdades, está solenemente desprovido de fundamento.”
(Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais – ONU 1978)

Abdias Nascimento (1914-2011) foi um pensador brasileiro, cuja bandeira principal era o antirracismo e a libertação total do povo negro no Brasil. Pretendo apresentar de forma introdutória o seu período de formação e destacar uma de suas principais intervenções estético-ativistas: o Teatro Experimental do Negro (TEN). Isso compõe as linhas mestras de seu pensamento até 1968, quando ele migra para os Estados Unidos e, então, irrompem outros aspectos de sua intervenção intelectual e política. Contador e economista de formação secundária e superior, teve participação no exército e se notabilizou como escritor, poeta, dramaturgo, ator, pintor, ensaísta, teórico, professor e político. Sob seu nome, destinam-se vários fazeres, sejam nos circuitos artísticos, acadêmicos (norte-americanos), políticos e de militância. Abdias incansavelmente amalgamou luta, pensamento e criação artística.

Embora tenha uma obra vasta e influente para o conjunto de ações junto à população negra, seu nome ainda não figura entre as leituras de referência do campo das artes e das humanidades na academia brasileira e seu legado, atualíssimo, é importante ancoragem para as várias questões que ainda estão na pauta para a plena cidadania da população negra. As frentes de atuação de

Abdias foram várias. E isso se deu, principalmente, por uma formação singular, a participação em movimentos sociais e pelo desenvolvimento multivocacional. Em sua trajetória, destacou-se, em primeiro lugar, seu berço familiar, que lhe garantiu uma autoestima e o preparou para o enfrentamento das agruras de uma sociedade racista sem baixar a cabeça, ao mesmo tempo que lhe deu suporte para protagonizar, a sua maneira, sem o culto ao personalismo, o que pode ser concebido como o braço brasileiro do projeto transnacional da negritude (Nascimento, 1968) e do pan-africanismo (Nascimento, 2002).

Assim, podemos, primeiramente, recuperar uma referência primordial na constituição da visão de mundo desse sujeito; refiro-me aos seus pais, José Ferreira do Nascimento e Georgina Ferreira do Nascimento (dona Josina), e as vivências de uma família negra, em Franca, interior de São Paulo, poucas décadas depois de 1888. O pai era sapateiro e a sua mãe cozinheira, doceira, costureira, tinha profundo conhecimento das ervas, era conselheira de vários segmentos sociais em Franca e também ama de leite contratada por famílias abastadas de fazendeiros brancos, imagem forte que reverberaria no intelectual que, desde cedo, compreendeu as questões ligadas à mulher negra, no conjunto das lutas antirracistas. Eram sete irmãos.

A herança da mãe pode ser mais bem compreendida por meio da reprodução de um trecho de suas memórias, *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*:

Eu tinha um companheiro chamado Filisbino, que era muito pobre e, além disso, órfão de pai e mãe. Ninguém sabia ao certo como ele sobrevivia, pois andava todo esmolambado, tinha bicho-de-pé, e o coitado fazia o maior sacrifício para frequentar as aulas, pois não tinha a mínima condição. Havia também a mãe de um outro colega de escola, uma mulher que era o próprio espírito de porco, que, não sei por que cargas-d' água, um certo dia encrencou com o Filisbino e, em pleno meio da rua, começou a bater no menino, aplicando-lhe uma surra tremenda, enquanto as pessoas olhavam aquilo com a maior passividade e indiferença. Mas a minha mãe, quando viu aquela situação de violência e covardia, interveio em socorro do Filisbino. Foi a primeira vez em que eu vi a minha mãe entrar em luta corporal com alguém, e ela estava uma fera. O envolvimento da minha mãe naquela situação conflituosa serviu, sobretudo, como uma lição para mim, pois ela estava ensinando para a gente que nós nunca poderíamos ficar de braços cruzados vendo uma cena daquelas, de uma criança apanhando de um adulto, uma estranha, ainda mais sendo branca, que, além da pancadaria, procurava humilhar o menino pela sua origem e pela cor da sua pele. Aquela atitude de minha mãe foi, de fato, uma lição formidável de que eu jamais esquecerei. (Éle Semog e Abdias Nascimento, 2016, p.50-51)

Ainda em Franca, outro acontecimento iria marcar sua vida, algo profundamente ligado à maneira como funciona a opressão social em relação aos negros, subjugando-os como cidadão de segunda categoria. Já contador, ainda adolescente, e pronto para assumir um emprego numa fazenda, recusou-se a subir na carroceria, entre galinhas e rações, quando vieram buscá-lo, pois certamente sua chegada



ao local de trabalho, todo estropeado lhe garantiria uma situação totalmente humilhante. Trata-se de uma imagem forte e que deve ser compreendida em sua espessura histórica. Pois, como o mesmo Abdias reiteradamente dizia, essa cena se repetiria em outras circunstâncias, onde sua cor de pele indicava um lugar de subalternidade em vários lugares. A imagem de sua mãe defendendo uma criança negra desprotegida da violência praticada por uma mulher adulta branca e a recusa à subserviência para um acontecimento que seria o primeiro emprego importante marcam sua formação. São cenas que levam a pensar sobre os significados da interpelação aos sujeitos de corpos racializados e suas consequências. No caso de Abdias, era um forte sentimento de segurança sobre sua condição na sociedade, mesmo com pouca idade, e uma vontade de intervir sobre a injustiça praticada contra os seus que marcaram os primeiros tempos. Portanto, ali trava-se a compreensão sobre a potência da identidade, enquanto ferramenta de defesa e libertação, pois desde cedo, o que acompanhamos na trajetória de Abdias é que é preciso ter consciência das formas de opressão, justamente, para lutar contra elas.

Se tais acontecimentos despertaram essa consciência que iria se canalizar para uma das biografias mais intensas em relação à defesa do negro no Brasil, suas

contínuas leituras, pesquisas e projetos também iriam corroborar com o trabalho de visibilidade e compreensão de figuras

históricas que o antecederam e que agregam ao espírito de sua empresa, tais como Zumbi dos Palmares, Luisa Mahin, Luis Gama, Lima Barreto, Machado de Assis, entre outros. Da mesma forma, outros acontecimentos e heróis da diáspora dialogariam com seu repertório, como a Revolução do Haiti ou mesmo a tríade de pensadores/ativistas norte-americanos Frederick Douglass, Booker T. Washington e W.E.B. Du Bois. Este e sua influente publicação *As almas da gente negra* (1903), conjuntamente com as publicações já na idade adulta de Abdias Nascimento, coadunam com a integração entre vivência, educação e o pensamento sobre a identidade para a defesa da negritude.

Do ponto de vista, ainda, de uma formação que conjuga pensamento e ativismo político, os anos 1930, em São Paulo, capital, foram fundamentais para Abdias do Nascimento. Ali, ele integra o exército, tem uma tumultuada vida que inclui prisões e milita na maior organização política da causa negra já existente: Frente Negra Brasileira. A FNB¹ foi um grande movimento político de massas, organizado e liderado por ativistas negros, surgida e sediada em São Paulo, espalhando-se para outros estados.

1 No trecho a seguir, Abdias compartilha, brevemente, esse movimento: "foi nos inícios dos anos trinta que o movimento se institucionalizou na forma da Frente Negra Brasileira. Entre seus fundadores estavam Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite e, como movimento de massas, foi a mais importante organização que os negros lograram após a abolição da escravatura em 1888 [...] A Frente, como qualquer outra instituição de massas, teve seus problemas internos de orientação e liderança, o que aliás é um bom índice da sua vitalidade. O dirigente Arlindo Veiga dos Santos se achava ligado ao Movimento Patrianovista, de orientação de direita, enquanto José Correia Leite se filiava ao pensamento socialista. Tal polarização levaria inevitavelmente ao fracionamento que ocorreu. Entretanto, não creio que o fato teve qualquer ligação ou influência com o Partido Comunista", in: <https://www.geledes.org.br/abdias-fala-da-frente-negra-brasileira/>, acesso em 10 set. 2019.



Sua atuação incluía educação formal, instrução musical, atividades esportivas, assistência médica e odontológica, oficinas de artes e ofícios em marcenaria, pintura, corte e costura entre outros, grupo teatral, assistência jurídica, doutrinação para os seus sócios e atividade imprensa por meio da publicação, pertencente à chamada “imprensa negra”, do jornal *A voz da raça*. Tem-se, assim constituída, em solo brasileiro, uma associação política, com um projeto de empoderamento e também de poder, com foco e atuação junto à população negra, visando constituir, integralmente, seus participantes, dos aparatos de cidadania, da qual negros e negras eram segregados.

Foi a partir dessa vivência e conhecimento, que anos mais tarde, em 1938, na cidade de Campinas, Abdias Nascimento, juntamente com Geraldo Campos, Augusto Sampaio, João Gualberto e Aguinaldo Camargo, organizariam o Congresso Afro-campineiro em 1938. Momento histórico de protagonismo e de alianças que definiriam seus rumos futuros.

Na década seguinte, na prisão,² cria, organiza e coordena o Teatro do Sentenciado, uma experiência teatral com detentos que antecede sua grande marca no movimento artístico e social do negro no Brasil: o Teatro

2 Após viagem pelo norte brasileiro e por países da América do Sul, entre 1941 e 1943, ao lado de Efraín Tomás Bó, Juan Raúl Young e Godofredo Tito Iommi, que compunham a Santa Hermandad de la Orquídea, Abdias Nascimento, em 1943 retorna ao Brasil. Durante o período que esteve fora do país, é instaurado um processo disciplinar pelo exército, motivado pela briga que tivera com o diretor do Dops, em 1936. Abdias é condenado, cumpre pena na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru). De lá, duas atividades irão, posteriormente, aperfeiçoar a edição do *Nosso Jornal* e a criação do Teatro do Sentenciado, composto exclusivamente de detentos. <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/ativista-e-artista/>, acesso em 10 set. 2019.

Experimental do Negro (TEN).³ O TEN, cujo propósito central era encenar peças teatrais, com elenco de atores e atrizes negras e dramaturgias voltadas para a cultura negra e com a participação ativa da população negra, durou de 1944 a 1968. Suas atividades não se limitavam às atividades teatrais e abrangiam um amplo programa de educação e profissionalização da população negra. Defendia programas voltados para mulheres e crianças, demonstrando, assim, preocupação e engajamento com questões de gênero (por exemplo o Congresso Nacional das Mulheres Negras, de 1950). O jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, ligado ao TEN, circulou de 1948 a 1950, publicando 10 números.

No número 1, o texto editorial de Abdias Nascimento aponta a missão do jornal: “O reconhecimento da pessoa negra e de seus direitos” [...] “fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura” [...] “o esforço de QUILOMBO é para que o negro rompa o dique das resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegura a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações.” Para além do editorial, o jornal publica o que nomeia como NOSSO PROGRAMA: No primeiro número, o editorial deixa claros seus propósitos:

1 - Colaborar na formação da consciência de que não

3 Participam da empreitada de fundar o Teatro Experimental do Negro: o advogado Aguinaldo Camargo, o pintor Wilson Tibério, Teodorico dos Santos, José Herbel, Sebastião Rodrigues Alves, militante negro, Arinda Serafim, Ruth de Souza, Marina Gonçalves, empregadas domésticas; Claudiano Filho; Oscar Araújo, José da Silva, Antonieta, Antonio Barbosa, Natalino Dionísio, e outros.

existem raças superiores nem servidão natural, conforme nos ensina a teologia, a filosofia e a ciência;

2 - Esclarecer ao negro que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivo para ódios ou ressentimentos nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignomioso;

3 - Lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares;

4 - Combater os preconceitos de cor e de raça e as discriminações que por esses motivos se praticam, atentando contra a civilização [sic] cristã, as leis e a nossa constituição;

5 - Pleitear para que seja previsto e definido o crime da discriminação racial e de cor em nossos códigos, tal como se fez em alguns estados de Norte-América e na Constituição Cubana de 1910. (Jornal QUILOMBO – Vida, problemas e aspirações do negro – Ano 01 número 01, p.03, 1948)

Resumidamente, regido sob a figura central de Abdias do Nascimento, em nome do TEN, o jornal foi um ponto de encontro de ideias de intelectuais como Guerreiro Ramos, Nelson Rodrigues, Raquel de Queiroz, que matizavam

nomes já conhecidos e respeitados de debates públicos; trazia, de forma pioneira, um debate sobre questões da mulher, na coluna Fala a mulher, de Maria Nascimento, com textos dirigidos às mulheres negras, em temática diversificada, sempre pontuada pela luta antirracista. O jornal funcionava também como um espaço privilegiado para reportar-se às atividades teatrais do TEN, incluindo notícias e reportagens sobre cinema nacional e estrangeiro, sob a perspectiva racial e, com muita ênfase, tornou-se um dos espaços principais para os debates sobre democracia racial e a consciência da negritude.

Houve também as publicações dos livros *Relações de raça* (1950), a obra que escancara a discriminação racial numa obra artística, ou seja, *Sortilégio (mistério negro)* (1950), que contém a peça homônima, escrita por Abdias Nascimento e que levou um período de sete anos para ser encenada, devido às interdições da censura, *Drama para negros e prólogo para brancos* (1961), *TEN – testemunhos* (1966) e, finalmente, *O negro revoltado* (1968). E também ligado ao TEN, Abdias Nascimento, em 1968, promoveu outra ação bastante contundente, ao lançar o Museu de Arte Negra (MAN), com uma exposição no Museu da Imagem e do Som (MIS), do Rio de Janeiro.

São muitas as atividades, os processos e os ensinamentos advindos da experiência do TEN.⁴ Em 1968, Abdias Nascimento publicou, como organizador, o livro

⁴ Há uma ampla bibliografia sobre o TEN, entre os quais: NASCIMENTO (1961), NASCIMENTO (2003), NASCIMENTO (2004), NASCIMENTO (2014), MACEDO (2005) e ROSA (2007). Dois websites são bastante completos em informações sobre Abdias, o IPEAFRO

O Negro Revoltado, com uma introdução em que ele faz uma síntese das experiências em arte e ativismo, junto ao Teatro Experimental do Negro, e com grande destaque para as ideias e teses que se apresentaram no I Congresso Nacional do Negro, promovido pelo TEN em 1950. Para Macedo (2005, p. 237), é o primeiro documento a sistematizar “as atividades e polêmicas nas quais Nascimento estivera envolvido até aquele momento”, e nele se circunscreve, com bastante ênfase a crítica à ideia de democracia racial e a positivação do branqueamento. O trecho, a seguir, elucida esse posicionamento do autor:

Assim, o primeiro passo é o negro assumir sua negritude. Ele sofre, é discriminado, por causa da cor da sua pele que os outros vêem. Não adianta a reiteração teórica de que cientificamente não existe raça inferior ou superior. O que vale é o conceito popular e social de raça, cuja pedra de toque, no Brasil, se fundamenta – pior do que na declarada luta de raças – num envergonhado preconceito ornamental, em camuflada perversão estética. E tão forte é tal perversão em nosso meio que instilou no próprio negro a má consciência de ser negro. (Nascimento, 1968, p.52).

Importante destacar também dois aspectos presentes nessa publicação, o primeiro é o reconhecimento e a valorização da Negritude (Négritude), em que Abdias Nascimento alinha líderes e abolicionistas locais, integrando-os a uma rede de resistência internacional:⁵

reúne farta documentação e diversos formatos (ipeafro.org.br) e o site referente à Ocupação Abdias Nascimento, no Itau Cultural – São Paulo, é bastante ilustrativo e didático (<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/>).

5 Sobre a questão da negritude em Abdias Nascimento, temos a seguinte posição de

A Negritude, em sua fase moderna mais conhecida, é liderada por Aimé Césaire e Leopoldo Sedar Senghor, mas tem seus antecedentes seculares, como Chico-Rei, Toussaint Louverture, Luís Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Lima Barreto, Yomo Keniata, Lumumba, Sekou Touré, Nkrumah e muitos outros. Trata-se da assunção do negro ao seu posicionamento histórico, uma ótica e uma sensibilidade conforme uma situação existencial, e cujas raízes mergulham no chão histórico-cultural. Raízes emergentes da própria condição de raça espoliada. Os valores da Negritude serão assim eternos, perenes, ou permanentes, na medida em que for eterna, perene ou permanente a raça humana e seus sub-produtos histórico-culturais. (NASCIMENTO, 1968, p. 50-51)

Em síntese, a experiência do Teatro Experimental do Negro estabeleceu eixos de trabalhos que, certamente, posicionam sua atuação num amplo movimento cultural, social e político, em torno dos interesses em construir uma cidadania digna ao povo negro. Em sua abrangência e atuação há o estabelecimento da negritude na indústria cultural brasileira. A base dos trabalhos calcados na pesquisa e encenação teatral trouxe para o prosscênio autores nacionais e estrangeiros, principalmente, negros, e também artistas engajados nessas questões, para a linha de frente da cena teatral carioca, primeiramente, e depois estendeu-se para São Paulo. O TEN formou

GUIMARÃES (2005/2006, p. 163): “É certo que, para Abdias do Nascimento, principalmente em suas peças teatrais, a negritude tem uma expressão mais próxima do pan-africanismo, como sugere Bastide (1983) e Macedo [2005] ressalta. No entanto, essa negritude de Abdias não se expressa em discurso ou projeto político de ruptura com a democracia racial, até pelo menos 1964, quando a tese de Florestan Fernandes sobre *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* é assimilada pelos ativistas negros. De 1964 até pelo menos 1966, data da “Carta Aberta ao I Festival de Arte Negra”, Abdias passa a construir o seu discurso político, afastando-se do ideal de democracia racial, denunciado como ficção ou mito, e assumindo integralmente o discurso da negritude [...]”.

e estabeleceu uma geração de atrizes e atores negros, reagindo e posicionando-se contra o *black face* e, sobretudo, destacando papéis que radicalizassem em relação aos estereótipos cômicos e de humilhação. Assim, nomes como o próprio Abdias Nascimento, Aguinaldo Camargo, Ruth Souza, Haroldo Costa, Léa Garcia, Cléa Simões, Zeni Pereira, entre outros, passaram a se constituir como atores e atrizes afrodescendentes, no teatro e no cinema. O TEN funcionou também como um espaço aglutinador, e a ele outros artistas tais como Solano Trindade, Grande Otelo, Mercedes Batista estavam vinculados, seja nas peças encenadas nos palcos de prestígio do Rio de Janeiro, seja nos eventos promovidos e que garantiam a inserção do pensamento negro constantemente referido na imprensa. Dois concursos de beleza foram realizados, num movimento de valorização da mulher negra, o Boneca de Pixe e a Rainha das Mulatas, os nomes hoje são bastante questionáveis, porém, no contexto, disparavam eloquentes ações em torno da visibilidade de corpos comumente vistos de maneira inferiorizada. Ao circular amplamente na imprensa, os concursos almejavam, assim, um tipo de inserção da feminilidade negra em espaços que outrora rejeitavam essas pessoas. No universo das artes plásticas, o TEN investiu em duas frentes. Primeiramente, lançou no contexto do 36º Congresso Eucarístico Internacional, no Rio de Janeiro, em 1955, o concurso do Cristo Negro, que teve



grande impacto e participação de vários artistas e a vitória de Djanira. Assim, a partir dos anos 1950, o TEN começou a compor um acervo em artes visuais (pintura, escultura, gravura, desenho etc.), o que permitiu a realização em 1968, de uma única exposição no MIS-RJ com essa produção, sendo ali concebido como Museu de Arte Negra, onde constam obras de Tunga, Santa Rosa, Walter Lewy, Livia Abramo, Carlos Scliar, Januário, Heitor dos Prazeres, Yeda Maria, Israel Pedrosa, Ivan Serpa etc. Ainda nos anos 1950, o TEN chegou à TV, inaugurando, consequentemente, uma teledramaturgia negra na TV Tupi. O teleteatro compunha um repertório privilegiado na nascente teleficção brasileira e as peças do TEN figuraram também na TV Rio. Finalmente, houve o desenvolvimento de uma “versão paulista” do Teatro Experimental do Negro levada a cabo, primeiramente, por Geraldo Campos de Oliveira,⁶ amigo de longa data de Abdias Nascimento que, com ele, empreendeu em 1938 o I Congresso Afro-campineiro. Desdobra-se dessa vertente paulista, entre outros, dois nomes importantíssimos para o teatro e, principalmente, televisão: Jacira Sampaio⁷ e Samuel Santos, ambos iriam imortalizar os personagens de Tia Anastácia e Tio Barnabé, na primeira versão de *O Sítio do Pica-pau amarelo* para a TV Globo.

6 http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/biografias/geraldo_campos_oliveira.html, acesso em 9 nov. 2020.

7 <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Dialnet-LuizSilvaEDisseOVelhoMilitanteJoseCorreiaLeite-4846146.pdf>, acesso em 9 nov. 2020.

Em 1968 Abdias Nascimento embarcou para os Estados Unidos, Nova Iorque, com uma bolsa da Fairfield Foundation, para conhecer as atividades políticas, sociais e culturais dos negros norte-americanos. A estadia que, à princípio, duraria dois meses se estendeu até 1981, quando retornou ao Brasil, e estabeleceu-se até sua morte, em 2011. A partir desse autoexílio, ele redireciona suas preocupações artísticas para a pintura e passa a ser professor universitário, estabelecendo-se como professor da Universidade do Estado de Nova Iorque – SUNY, em Buffalo. Trata-se de um período para o seu aprimoramento artístico, intelectual e político, sobretudo quando se percebe o entrecruzamento desses eixos em sua produção. A partir dessa viagem, há outros determinantes em sua visão de mundo, e em seu retorno, uma contínua atuação intelectual, artística e política que requer a atenção para outros aspectos político-conceituais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. Os descendentes de africanos vão à luta em terra brasilis. Frente Negra Brasileira (1931-37) e Teatro Experimental do Negro (1944-68). *Projeto História (PUCSP)*, v. 33, p. 131-158, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Resistência e revolta nos anos 60: Abdias do Nascimento. *Revista USP*. São Paulo, n.68, p. 156-167, dez./fev. 2005-2006.

MACEDO, Márcio José. *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)*. Dissertação de mestrado, Sociologia, USP, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. *Dramas para negros e Prólogo para brancos*. Rio de Janeiro: Editora do Teatro Experimental do Negro, 1961.

NASCIMENTO, Abdias. *O Brasil na mira do pan-africanismo*. Salvador: EDUFBA, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NASCIMENTO, Abdias. *Teatro Experimental do Negro (testemunhos)*. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

NASCIMENTO, Abdias. *Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões*. Estudos Avançados, vol.18 no.50 São Paulo jan./apr. 2004.

SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.